

PROJETO “SOBREVIDAS SEVERINAS”: A AMBIÊNCIA ESCOLAR DA REDE PRIVADA DE ENSINO DE SALVADOR E A FOMENTAÇÃO DE IDEOLOGIAS MACHISTAS

Kalita Macêdo Paixão ¹

RESUMO

Essa pesquisa problematiza a discriminação proveniente do machismo institucionalizado no ambiente escolar da rede privada e as respostas do coletivo jovem a tal opressão: o processo de desencadeamento da demanda e sua repercussão. Com o propósito de compreensão e denúncia do problema, desenvolvemos um estudo de caso da semana dedicada ao projeto sociocultural que aconteceu no segundo semestre de 2015 no Colégio Antônio Vieira - instituição de ensino jesuíta particular da cidade de Salvador - denominado “SobreVIDAS SEVERINAS”¹, que se referiu à representatividade das minorias no espaço da escola, dedicando-nos a representatividade feminina, devido ao recorte temático estabelecido.

Palavras-chave: Machismo. Escola. Privada. Jovem. Representatividade.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho nessa pesquisa consiste em uma avaliação do fenômeno da manutenção de ideologias machistas no âmbito escolar da rede privada de ensino em Salvador-BA, através do estudo de caso do projeto “SobreVIDAS SEVERINAS” ocorrido no Colégio Antônio Vieira no primeiro semestre de 2015. Devido ao fato de que se parte do pressuposto de que os alunos do ensino médio são expostos cotidianamente às formas de violência envolvidas, se deixa evidente a relevância de aprofundar-se na origem e repercussão do fato, motivando, assim, a sede de denúncia das constatações apresentadas e de análise da resposta social do jovem, para que o sistema de educação e a comunidade cidadã se adaptem às necessidades desse grupo. Ao destrinchar desde as raízes históricas da instituição que me refiro, até a culminância do projeto, procuro estabelecer as condições firmadas nessa ambiência da escola particular para que se compreenda a demanda que acarretou o fenômeno investigado, além de analisar o público envolvido nele, em especial os sujeitos ativos da militância.

¹ Graduanda em Direito da Universidade Católica do Salvador. E-mail: kalitampaixao@gmail.com.

O foco desta pesquisa é a materialização da busca jovem pela justiça social, portanto sua relevância se resume a conhecer o fenômeno de maneira a compreender de forma mais profunda a infrequente recorrência do machismo na sociedade como um todo. É evidente que se faz necessário lutar contra o problema, porém a importância da nossa abordagem se resume a entendê-lo pela evidente carência da nossa comunidade de sequer reconhecer a existência do machismo, e as formas violentas com que este influencia na nossa formação como seres humanos, acarretando em uma educação não-libertária que persiste na manutenção de opressões.

Partimos do caso específico para a ocorrência geral, pretendendo esmiuçar um caso para melhor avaliar as suas especificidades, ou seja, investigaremos o projeto afim de melhor entender a forma como os jovens, as famílias, a escola e a sociedade lidam com o machismo, carregando a relevância de agir como passo primordial a organizar-se a combatê-lo.

Por ser um estudo de caso, é evidente a pouca base para a pretensão de estabelecimento de generalizações, se limitando, portanto, ao máximo sugerir possíveis relações, visando-se a denúncia através da análise restrita ao fenômeno e suas vinculações detectadas.

Esta pesquisa, por conseguinte, objetiva a compreensão do comportamento jovem frente ao problema do machismo e androcentrismo na ambiência escolar; Desde como são atingidos por ele até como se organizam a respondê-lo.

Utilizaremos o objeto de pesquisa de forma a extrair informações acerca de múltiplos aspectos envolvidos, tais como a escola, a família, a sociedade, e a adolescência, correlacionados com a problemática do machismo. Procuraremos basicamente esclarecer que se tornou notório que a cultura de um patriarcado conservador era o majoritário motivo de desaprovação da causa do projeto, enquanto a identificação direta com a demanda de reivindicação, o de apoio.

Iniciamos a menção a alertar para o papel social das entidades educacionais, e sua parceria com a instituição familiar no que se refere à instrução sobre as peculiaridades do convívio com as diferenças e, portanto, a renúncia à prática discriminatória.

Buscar origens históricas para a maneira como se comportam os envolvidos, referindo-se se tanto ao que diz respeito à estrutura das instituições quanto dos grupos sociais.

Identificar os traços do machismo institucionalizado, a fim de perceber como ele se apresenta no dia a dia escolar independentemente de que seja através de colegas, professores ou coordenadores.

Investigar de que maneira se instalou a demanda de combater a opressão contra o gênero feminino nesse ambiente, reportando-se a forma como se ocorreu esse despertar ao problema, buscando pretextos dentro e fora dos muros da escola.

Questionar de que forma as características das novas gerações tem influenciado na forma de resposta a essas demandas e finalmente, examinar como essa prática afeta a formação dos jovens, referente à sua influência nas escolhas e valores futuros destes.

Propomos a análise do quadro anterior ao projeto a fim de compreender o fenômeno que o desencadeou, estabelecendo a premissa de que o ambiente escolar fomenta esse machismo, vitimizando as jovens em especial dentro do suposto abrigo institucional – desde seu surgimento, e, partindo desse pressuposto, nos permitimos questionamentos como de que forma o ambiente escolar sob o qual nos debruçamos assegura a manutenção dessa espécie de opressão, e o que teria feito com que essas jovens afinal, se manifestassem.

2 DESENVOLVIMENTO

Esta é uma pesquisa de natureza básica, já que não estabelece pretensão de qualquer aplicação prática definida, seguindo o método dialético por se fixar a uma limitação a um contexto social. Caracteriza-se como qualitativa ex-post-facto exploratória por sua abordagem visar maior proximidade com o fenômeno já ocorrido. Através do estudo de caso envolvendo coleta de dados dentro e fora de campo, faz uso da coleta de dados históricos, bibliográficos, documentais e outros mais ligados à própria ida a campo, como questionário e entrevista.

Em relação ao diagnóstico do machismo na sociedade em geral, dados numéricos serão mais usados pela objetividade necessária, já que é apenas um ponto de partida para as investigações que o seguem; pesquisas do IPEA e IBGE sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho e violência contra o gênero feminino serão úteis a estabelecer esse quadro social contemporâneo.

Estreitando as relações com objeto, as pesquisas que se referem ao machismo institucionalizado no ambiente educacional envolverão desde a teoria; o papel da escola na formação do aluno (de acordo com as exigências de abordagem social do MEC) até a

prática; de que forma se deu, até o projeto estudado, esse processo de estabelecimento de um ambiente que respeita as diversidades (através de pesquisas bibliográficas que tratem da questão do ser mulher nesse contexto escolar, e principalmente entrevistas estruturadas com representantes da instituição e experts em educação).

Ainda sobre o acompanhamento das instituições na formação do adolescente, me refiro também à família, por ser um campo privilegiado para pensar a relação entre o jovem e a sociedade (SARTI, 2004), direcionando a coleta de dados à entrevistas semi-estruturadas com os alunos e seus pais.

Já que ao falar dessa ambiência escolar tratamos de jovens, investigo, na psicologia, obras que retratam o perfil das juventudes, esclarecendo mais como se dão as relações dos jovens para com os outros jovens, no caso colegas de escola, e para com os adultos, que se subdividem em grupos sociais de influência institucional e familiar.

Com objeto da pesquisa sendo um projeto organizado por alunos pertencentes a camadas sociais marginalizadas pelo conservadorismo, faz-se necessário uma busca histórica desse, tanto sobre as questões já citadas como a família e a escola, como especificamente a instituição que se estabeleceu o “SobrevidasSeverinas”: fazendo uso do centro de documentação da própria instituição, essa busca nos permite descobertas relevantes como as origens do Antônio Vieira², que já fora, nos primeiros anos de fundação, uma escola só para meninos.

Por fim, no que se refere à análise das pessoas envolvidas com o projeto, direta ou indiretamente, faz-se uso de questionários a fim de traçar seus perfis econômicos, ideológicos e sociais, para melhor avaliar os depoimentos conseguintes, que focalizará nos alunos: tanto naqueles considerados oprimidos, quanto os seus “algozes”.

Não é novidade que a ideologia machista está impregnada na sociedade em que vivemos. Diariamente estamos em contato com dados como “65% das mulheres tem parcela de culpa no estupro devido as suas vestimentas (IPEA, 2014)”, que nada mais são do que confirmações da violência de uma cultura androcêntrica que submete as mulheres. É um tema amplamente discutido atualmente, desde as sessões de plenário às mesas de bar. Tem ocorrido um despertar para a existência dessa espécie de opressão e as suas conseqüências, a exemplo de polêmicas acerca da PL5069, que restringe o

² Com mais de um século de atividades, o Colégio Antônio Vieira é uma obra da Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola, no século XVI e faz parte de uma rede internacional de instituições educativas: Os Colégios Jesuítas do Brasil.

empoderamento da mulher sobre o próprio corpo, e o tema do Enem 2015 que problematizou a violência contra a mulher na sociedade brasileira.

“#EscolaSemMachismo – O material foi desenvolvido com base em um protótipo de currículo desenvolvido pela Unesco (...) “A educação é fundamental para ampliar as leituras de mundo de estudantes, para que reconheçam os desafios e os valores de suas comunidades, além de prepará-los para o exercício da cidadania e o respeito às diversidades de gênero (...)”, considera Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres Brasil.”(Dia Laranja, onde a ONU evidencia o sistema educacional e a prevenção à violência nas escolas do RS.)

Por ser justamente uma cultura do machismo impregnada na história (não só do nosso país), nos debruçamos em estudos relacionados às origens dessa ideologia, ligada ao conservadorismo que construiu o patriarcado violento que levanta a bandeira das discriminações de gênero. Porém, estreitando a abordagem, trato aqui do machismo institucionalizado, aquele validado pelas entidades constitutivas de uma sociedade, essencialmente preponderantes no direcionamento das relações interpessoais dos seus componentes.

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. [...] O pacto original PE tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. [...] o contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno. (PATEMAN, 1993, p. 16-17)

A ocorrência de casos de discriminação contra o gênero feminino no que diz respeito a esse ambiente momento e público específicos traz a tona a questão do ser mulher de acordo com as condições desse meio - a exemplo de que são menos valorizadas por suas notas, constrangidas na escolha de sua profissão e discriminadas no que se refere às suas relações sexuais nessa fase de descobertas (MADEIRA, 1997) - mas o inexorável é que são atingidas pelo sexismo devido à influência de ressonância da cultura machista característica da sociedade em que vivem.

[...] a análise de relações de gênero da perversa trajetória escola/trabalho de nossas crianças e adolescentes [...] contribui para

evidenciar, tornar mais transparentes, os traços extremamente autoritários, elitistas e preconceituosos do nosso sistema escolar. (MADEIRA, 1997, p. 52-53)

Ao falar da instituição escolar, parte-se do pressuposto de que esta não está alheia a essas construções ideológicas, faz parte do contexto social em que está inserida, portanto também carrega consigo essas demandas. Essa ambiência pertence majoritariamente a um público de pessoas em processo de construção de valores e propósitos, porém vale ressaltar que tratamos de uma nova juventude, que justamente por suas pluralidades acentuadas, têm sido inclusive, denominadas “juventudes” por estudiosos, que tem ganhado notoriedade pela propagação de engajamento social e militância.

[...] tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro. É vista como tempo de “moratória social”, “etapa de transição”, em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social: responsabilidade com família própria, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania. (NOVAES; VITAL, 2005, p. 110)

Impulsionado, portanto, pelos alunos insatisfeitos com a postura institucional para com suas necessidades mais que acadêmicas, criou-se em 2015 o NEIMS (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Minorias Sociais), que representaria a luta jovem pelo fim da coadjuvação da representatividade das camadas marginalizadas na comunidade vieirense. Estariam então, as portas abertas para o surgimento do O Projeto “SobreVIDAS SEVERINAS”.

Tendo em vista as abordagens acerca da temática, a pesquisa se concentra nesse objeto, que trata-se do resultado de uma reunião de alunos do Antônio Vieira - pertencentes a camadas marginalizadas pelo conservadorismo institucionalizado - que denunciaram a opressão que sofriam e o organizaram de forma a reivindicar seu espaço social através da conscientização dos componentes da coletividade em que convivem, através de oficinas de música e arte, mesas redondas, seminários e performances.

O nosso objeto de estudo tomou forma em um contexto imprescindível à nossa análise: o ambiente escolar. Além do aparente propósito de formação acadêmica básica, a escola carrega o escopo de formador do caráter, valores e princípios morais, através do experimento do convívio social.

Dito isso, algumas observações são indispensáveis à plena compreensão da abordagem pretendida: o colégio que serve de plano de fundo ao estudo de caso, o Colégio Antônio Vieira, trata-se de instituição centenária de educação básica, que

atende desde o primeiro ano do ensino fundamental até o último do ensino médio, inserindo em seu projeto pedagógico uma política cristã. Na própria história do colégio, buscamos raízes originárias do problema, como o fato de que, até 1967 (por mais de 50 anos), o CAV era estritamente masculino.³

Além do delicado tema do envolvimento de uma educação religiosa em questões como essa, parece relevante também introduzir as famílias que são atendidas pela instituição: a rede privada em questão demanda, por exemplo, custo substancialmente alto, o que acaba por nivelar o corpo discente à filhos de famílias abastadas financeiramente, o que nos remete à sugestiva influência elitista nesses jovens em formação.

Apesar da escola o ambiente onde deve se estar mais atento, pois é onde se tem o primeiro baque social de ser marcado pela opressão, a juventude carrega consigo mais do que a vitimização. A fase da adolescência implica numa tendência de agrupamento por identificações pessoais, que potencializam as ações conjuntas em prol da satisfação da coletividade, o que inclusive acaba por se relacionar diretamente com o movimento ativista e a militância jovem.

Mais especificamente, na juventude da geração Y (chamados “millennials”), abordamos um movimento de ações políticas encadeadas de jovens oprimidos, que, se identificando em suas exclusões sociais, buscam transformação. Liderado pela juventude feminina, nosso objeto de estudo dá a voz àquelas que são caladas – dentro e fora da ambiência escolar – para que estas sejam protagonistas da mudança que elas querem ver, também não só dentro dos muros da escola, mas na sociedade como um todo.

2.1 ANEXO A - DEPOIMENTO DE ALUNA

Alguém precisa falar sobre o que aconteceu entre as mulheres daquele colégio.

Uma vez, conversando com uma colega, chateada com uma situação desconfortável envolvendo comentários transfóbicos de um terceiro, ela me disse, com toda a empatia do mundo:

“Sororidade existe. Só não é universalizada. Infelizmente.”

Mas, naquele colégio, naquela sexta-feira, eu vi exatamente isso: sororidade.

³ Informações sobre a história da instituição encontradas no endereço eletrônico oficial: <http://www.colegioantoniovieira.com.br/quem-somos/nossa-historia/index.html>

Sororidade é uma palavra muito forte dentro do movimento feminista. É a união entre mulheres apesar de um sistema de opressão que as coloca para lutarem entre si – principalmente porque a força dada pelo apoio mútuo assusta as maiorias sociais no poder. É quando meninas se amparam em torno de um propósito de proteção. Uma empatia, um senso de irmandade e ancestralidade; um carinho imenso por todas aquelas que por aqui passaram, aqui estão, e por aqui hão de passar, neste mundo de coisas tão belas e tão tristes.

(...)

A medida que pintavam meu rosto em tons de vermelho, cinza, roxo, azul e verde (...), era como se um arco-íris de dor se desenhasse na minha pele. Era como se a carga de milhões de mulheres violentadas, dia após dia, fosse transferida para os meus ombros, e com ela vinha a missão de não deixar que todo aquele abuso fosse em vão.

Por meia hora, demos as mãos e assistimos a aproximação gradual dos alunos. Enquanto um bom número de pessoas se uniu ao manifesto, outras optaram por jogar papéis, latas e garrafas para o círculo. Muitos riam e soltavam beijinhos cruéis enquanto dançavam, fazendo chacota. Meninos – não, homens, homens aparentemente adultos e pensantes – sussurravam nos nossos ouvidos – “Já estuprei minha namorada hoje, viu?” -, tocavam nossas bundas como se lhes pertencessem, postavam fotos seguidas de comentários ofensivos em redes sociais.

Por meia hora, assistimos a um pedaço da nossa sociedade se desenrolar sob nossos olhos. E aguentamos. E resistimos. E confrontamos cada uma de suas violências com nossa impenetrabilidade. E os encaramos nos olhos, procurando respostas para aquilo.

“E se fosse sua mãe? Sua irmã? Sua namorada?”

“Palhaçada.” – respondiam, e nós não víamos graça nenhuma.

Apertávamos as mãos, oferecendo apoio silencioso, pedindo coragem umas às outras e paciência. Oferecendo proteção.

Aos poucos, fomos fortalecendo as nossas respostas. Gritamos e batemos palmas contra as vaias. Cercamos um grupo contrário ao movimento. Fomos ao encontro daqueles que nos agrediam e lhes informamos a respeito da importância daquilo. Puxamos mulheres e homens para a roda, companheiras e companheiros que ficaram mais do que felizes em partilhar daquela luta e perder o fôlego junto.

Logo, éramos muitos e ocupávamos o pátio inteiro.

E, como num passe de mágica, num crescendo de paz e amor, estávamos juntas e nos abraçávamos a despeito das vaias, dos comentários, do horror que ameaçava o

movimento. Eram círculos concêntricos permeados de tanta naturalidade, tanto carinho, que muitas explodiram em lágrimas. A raiva de uma vida saiu nas minhas, e eu senti que não existiam outras pessoas que as merecessem mais.

Ficamos ali por tanto tempo nos abraçando, que não sabíamos mais porque chorávamos – se porque nunca havíamos sido ameaçadas tão abertamente, sentindo a ferida sendo exposta escavada cada vez mais, ou se porque aqueles abraços nos curavam de um jeito tão poderoso que era como se as bruxas - as brasileiras objetificadas, as indianas violentadas, as donas de casa, as cientistas esquecidas, as princesas e as gueixas - tivessem nos dado toda a sua força junto com a dor também. Nós não éramos vítimas. Éramos mulheres em pleno exercício de seu poder e liberdade, e não havia mais porque negá-lo. Era um misto de emoções, um ciclo de compaixão que palavras quase que desmerecem ao não compreendê-las.

As mulheres davam as mãos, apertavam-se sem dizer nada. Não era preciso que nada fosse dito. Amigos choravam e nos parabenizavam a medida que o resto dos alunos voltava para as suas respectivas salas. Pessoas inesperadas se jogavam ao nosso encontro para dar apoio. Elogiavam o movimento e pediam que nunca parássemos de lutar - nunca haviam visto nada tão incrível e tão impactante. Nada lhes havia tocado tanto os corações como a evidência irrefutável da existência do machismo e do feminismo.

Enquanto lavava o rosto (...) eu quase conseguia ouvi-las, em banheiros diferentes, limpando a maquiagem e caindo em si. O feminismo havia chegado, de alguma forma, para cada uma delas e das pessoas que estavam no pátio naquele dia. Havia se alojado em seus corações e corpos feito menstruação, que tarda, mas chega, vem de repente, e permeia a vida de vermelho vivo.

O machismo existe, o machismo mata. Mas, naquele pátio, existiu feminismo, e, por isso, tudo valeu a pena.

Um calor imenso preenchia meu corpo. A sororidade existe. Em uma amostra de mundo pequeníssima, mas existia de verdade.

E tudo fez sentido.

(Clara Suit, estudante do Colégio Antonio Vieira, 3ªA, 2015)

2.2 ANEXO B - DEPOIMENTO DA MÃE DE ALUNA

Salvador, 13/09/2015

Ao Colégio Antônio Vieira:

Na última quinta-feira, 10/09/15, pude apreciar algumas das atividades promovidas pelos professores e alunos do Colégio Antônio Vieira, relativas ao Projeto Sobrevidas Severinas.

Assim como boa parte das pessoas que hoje desenvolvem as suas vidas no Brasil, venho me decepcionando cada vez mais com tudo o que vem acontecendo neste país. No entanto, ao me deparar com tudo o que vi no colégio tive a nítida impressão de uma bela luz no fim desse túnel escuro que hoje atravessamos.

Pude apreciar uma exposição de fotos belíssima, resultado do olhar sensível de duas alunas diante do feminino; tive notícias de várias apresentações e manifestos; assim como assisti a uma mesa redonda. Nessa mesa redonda, tive contato com palestrantes comprometidos com os trabalhos e pesquisas que desenvolvem, pessoas que estavam ali com vontade de um país melhor e que participam da sua construção também. Foi maravilhoso poder presenciar o carinho e atenção que dispensaram à plateia de alunos que ali estava. Alunos interessados e que participaram de forma pertinente e muitíssimo interessada. O espaço para perguntas, que em muitas ocasiões não é utilizado, ficou pequeno para tantas questões que eles fizeram. Foi muito bonito percebê-los escutando com atenção e tendo o conhecimento necessário para poder refletir a respeito. Longe de ouvir passivamente, os alunos estavam ali construindo novos conhecimentos, olhares e, claro, um novo país. Como não me sentir esperançosa novamente? Uma nova geração estava ali, ansiosa por um país mais digno, honesto e comprometido com a justiça social, com o respeito e a integração de todos os cidadãos que compõem a nossa vasta e multicolorida comunidade brasileira. Ali, aos meus olhos, pude presenciar um novo país sendo gestado e fiquei muito orgulhosa vendo a minha filha sendo parte disso tudo.

Se esses jovens hoje estão assim, nesse patamar tão alto de conhecimento, de motivação e comprometimento, deve-se à formação que eles receberam. Acredito que tenham tido o acompanhamento de pais dedicados e que lhes proporcionaram as oportunidades adequadas para que pudessem germinar, florescer e frutificar. E, além disso, contaram com a importantíssima formação dada e facilitada pelo colégio.

Hoje a minha filha está concluindo o ensino médio no Vieira. Ela é aluna do colégio desde os seus sete anos. Nunca tive dúvidas a respeito da escolha pelo colégio e hoje, mais do que nunca posso afirmar que foi acertadíssima. Se hoje ela é essa bela pessoa, comprometida com valores verdadeiramente humanos e que fazem sentido, deve-se, também, à formação que recebeu no colégio. Só me cabe agradecer por tudo e

parabenizar pela formação rica, vasta e de tão alta qualidade que o colégio proporciona. Uma formação que vai além do conteúdo, que vai ao coração e ao que se tem de mais humano. Um colégio que se preocupa com valores que hoje parecem esquecidos neste país.

Já estou saudosa do espaço do colégio, saudosa da tranquilidade e confiança que me acompanharam ao longo destes anos, sabendo que a minha filha estava sendo bem cuidada. No entanto, tenho plena certeza de que ela está saindo com todas as ferramentas necessárias para prosseguir de forma segura e comprometida com a construção de um mundo melhor.

Muitíssimo obrigada e, por favor, não deixem de proporcionar tudo isso que vocês vêm proporcionando a essas meninas e meninos. Isto tem resultado sim! Nunca se percam do humano, do respeito pela diversidade e da preocupação com a justiça social, não se deixem levar pelos modismos e exigências do “conteudismo”, que nada tem de humano. A cara do Vieira é outra, graças a Deus!

*Dafne Suit – Mãe de Clara Suit (3º ano A)
Psicóloga e Doutora em Psicologia*

2.3 ANEXO C - DEPOIMENTO DE PROFESSORA

SOBRE ESTES JOVENS, COM CARINHO

A história não se repete, e quando, de alguma forma, assim ela é percebida, isso ocorre por incompreensão contextual ou perversidade moral. Por todo o mundo (e temporalidade), a juventude, conceito esse que extrapola a questão biológica, já que também é um constructo, sempre foi às ruas, mobilizada por desejos dos mais diferentes, mas a forma como essa mobilização ocorre e é introjetada ou viabilizada é um dos elementos mais relevantes, e é com esse espírito que procuro observar e interagir com o momento presente.

A despeito de todas as outras possíveis análises e interpretações, os primeiros anos deste século trouxeram uma enxurrada de acontecimentos luminosos. Das manifestações ocorridas no Oriente e no Norte da África, passando pelos vários “Indignados” no Velho e Novo continentes, os jovens tiveram um papel fundante como “sujeito de direitos”, pois, ao contrário do que vimos durante o século XX (não menos importante e significativo), parte dos que agora vão às ruas, conscientes ou não, clamam por uma agenda política característica dos Estados Democráticos de Direito. Anseiam por políticas públicas que atendam às demandas de grupos diversos que, historicamente,

caminharam separados, mas hoje compreendem a existência de uma unidade para além das diferenças.

Fica claro para observadores menos incautos que, em países profundamente marcados por uma realidade social excludente, a pauta é ainda mais ampla, pois parte da população não compreende conceitos básicos como, por exemplo, justiça social e alteridade. A amplitude citada leva à dificuldade, e essa mesma dificuldade exige do cidadão um discurso qualificado e muito mais criatividade, ousadia e competência para as negociações em todos os lugares/espacos. E é nesse processo que, como educadora, identifiquei o papel crucial da Escola, como ambiente constante de aprendizagem que se pretende significativa, e dos nossos jovens como artífices nessa construção.

Em 2015, tais papéis fizeram-se presentes por meio de falas e silêncios ouvidos em todos os corredores do Colégio Antônio Vieira, e isso não foi um privilégio (ou problema?) só nosso. A escola é um micro-organismo de uma sociedade, logo um elemento vivo que mantém uma relação dialógica com o todo — afeta e é afetado por este. Uma sociedade convulsionada clama por saídas, e os jovens do Colégio Antônio Vieira, para surpresa e encantamento de todos os adultos convictos e acostumados a darem respostas, ergueram-se em coletivos informais, realizaram Atos e criaram o NEIMS (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Minorias Sociais). Trouxeram a práxis para o cotidiano em consonância com um dos princípios básicos do fazer da Instituição — saber ser para o outro. Propuseram a Escola (no que foram abraçados) e colocaram em prática o Projeto SobreVIDAS SEVERINAS, realizado em setembro do corrente ano, através de uma parceria amável e inteligente entre o NEIMS e a AVLA (Academia Vieirense de Letras e Artes), e mergulharam a comunidade vieirense em um clima necessário e urgente para o mundo contemporâneo. Durante mais de um mês, se contarmos com as preparações, realização dos eventos e desdobramentos, refletimos sobre machismo, intolerância religiosa, lgbtfofia e racismo, lançando mão de um leque variado de linguagens, como é comum a esses espíritos. Longe de ter sido fácil, o caminho foi construído passo a passo e, sem dúvida, já deixou seu legado.

Nossos jovens demonstraram que não estão na vida para serem coadjuvantes. A juventude que aí está tem uma clareza no olhar muito bem traduzida pela poetisa Elisa Lucinda em um de seus poemas: “(...) não dá pra mudar o começo, mas, se a gente quiser, vai dar pra mudar o final”.

Eu acredito!

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão contemporânea referente ao machismo tem valorizado muito a ideologia feminista, que teria executado esse papel de instalar o empoderamento feminino, resultando na alforria do poder de discurso livre, e, portanto, da denúncia e reivindicação. Inclusive, a fase da juventude tendo por carregar um papel muito importante nessa investigação: no caso desse despertar feminista, ocorreu e ocorre de maneira mais impactante justamente por vir a encontro a esse sentimento de potência de agir que tem seu ápice na adolescência.

Sobre a fase também, devido a já discutida pela psicanálise tendência do jovem de se identificar em grupos, que em outros tempos viram a serem as chamadas “tribos”, após a politização de suas demandas, ter-se-iam visto essa identificação de guetos com outros olhos: perceberam que de nada valeria as suas lutas sociais fragmentadas, reconheceram-se em suas minorias sociais e uniram-se: viram que são “muitos Severinos, iguais em tudo na vida”.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. Comunidade e escola, memória e produção cultural. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 3, n. 10, 2008. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4365/4075>. Acesso em: 23 out. 2015.

BRASIL. Projeto de lei n. 888/2014, de 3 de Julho de 2014. Institui a campanha permanente de combate ao machismo e valorização das mulheres nas escolas públicas do município do Rio de Janeiro. **Diário Oficial do município do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, RJ.

CAMARGO, Paulo de. **O machismo vai à escola**. Claudia. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/educar-para-crescer-machismo-vai-escola-683755.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2015.

CORDEIRO, Aliciene Fusca Machado; BUENDGENS, Jully Fortunato. Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 45-54, junho, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 out. 2017.

É NOIS INTELIGÊNCIA JOVEM. **Machismo e violência contra a mulher na juventude**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzPh3bJfVNM>. Acesso em: 28 out. 2015.

MADEIRA, Felícia Reicher. **Quem mandou nascer mulher?**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEDRO NUNES. **Escola sem preconceito**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wyguYC62oMc>. Acesso em: 28 out. 2015.

ONU MULHERES, 2017. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/no-dia-laranja-onu-mulheres-destaca-tematica-de-educacao-e-mapeia-experiencias-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas-do-rs/>. Acesso em: 10 fev. 2018.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Colégio Antônio Vieira**. Disponível em: <http://www.colegioantoniovieira.com.br/>. Acesso em: 16 nov. 2015.

Regina, VITAL, Cristina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. *In*: THOMPSON, Andrés A. (Org). **Associando-se a juventude para construir o futuro**. São Paulo: Petrópolis, 2005.

SARTI, C. O jovem na família: o outro necessário. *In*: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso - Planejamento e Métodos**. Rio Grande do Sul: Editora Bookman, 2015.